



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
INCUBADORA UNIVERSITÁRIA DE EMPREENDIMENTOS ECONÔMICOS
SOLIDÁRIOS- INCOSOL/CES/UFCG
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COM ÊNFASE EM
ECONOMIA SOLIDÁRIA NO SEMIÁRIDO PARAIBANO

KÁTIA CIMONE DE OLIVEIRA SILVA

AÇÕES E CONTRIBUIÇÕES DA INCUBADORA DE EMPREENDIMENTOS
ECONÔMICOS SOLIDÁRIOS INCOSOL/CES/UFCG PARA O GRUPO DE
ARTESÃS DA ÁRVORE DO TRICÔ EM CUITÉ-PB

CUITÉ - PB

2017

UFCG/BIBLIOTECA

KÁTIA CIMONE DE OLIVEIRA SILVA

**AÇÕES E CONTRIBUIÇÕES DA INCUBADORA DE EMPREENDIMENTOS
ECONÔMICOS SOLIDÁRIOS INCOSOL/CES/UFCG PARA O GRUPO DE
ARTESÃS DA ÁRVORE DO TRICÔ EM CUITÉ-PB**

Monografia apresentada ao Curso de
Especialização em Educação de Jovens e
Adultos com Ênfase em Economia Solidária no
Semiárido Paraibano, como pré-requisitos para
a obtenção do título de Especialista.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cláudia Patrícia Fernandes dos Santos

CUITÉ - PB

2017



Biblioteca Setorial do CES.

Julho de 2021.

Cuité - PB

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA NA FONTE
Responsabilidade Jesiel Ferreira Gomes – CRB 15 – 256

S586a Silva, Kátia Cimone de Oliveira.

Ações e contribuições da incubadora de empreendimentos econômicos solidários INCOSOL/ CES/UFCEG para o grupo de artesãs da árvore do tricô em Cuité - PB. / Kátia Cimone de Oliveira Silva. – Cuité: CES, 2017.

50 fl.

Monografia (Especialização em educação de jovens e adultos com ênfase em economia solidária no semiárido paraibano) – Centro de Educação e Saúde / UFCEG, 2017.

Orientadora: Dra. Cláudia Patrícia Fernandes dos Santos.

1. Economia solidária. 2. Incubadora universitária. 3. Assessoramento. I. Título.

Biblioteca do CES - UFCEG

CDU 330.873

KÁTIA CIMONE DE OLIVEIRA SILVA

**AÇÕES E CONTRIBUIÇÕES DA INCUBADORA DE EMPREENDIMENTOS
ECONÔMICOS SOLIDÁRIOS INCOSOL/CES/UFCG PARA O GRUPO DE
ARTESÃS DA ÁRVORE DO TRICÔ EM CUITÉ-PB**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos com Ênfase em Economia Solidária da Universidade Federal de Campina Grande, no Centro de Educação e Saúde, como requisito parcial para obtenção do Grau de Especialista.

Aprovada em 31 de Maio de 2017

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Cláudia Patrícia Fernandes dos Santos (Orientadora)
UFCG/CES

Profa. Dra. Leticia Caporlândia Giesta (Titular - Interno)
UFCG/CES

Prof. Dr. José Carlos Oliveira Santos (Titular - Interno)
UFCG/CES

CUITÉ – PB

2017

RESUMO

Nos últimos anos vem ocorrendo um avanço importante nas iniciativas concernentes a Economia Solidária, e medidas socioeconômicas para efetivar a cooperação ativa de pequenos produtores autônomos com suas famílias nas zonas Rurais e Urbanas. Tudo com o intuito de oferecer-lhes oportunidades de comercialização, crédito e prestação de serviços referentes a atividades de produção e consumo. Iniciativas assim, são significativas e de grande importância, porque proporcionam aos indivíduos uma nova realidade e um modo diferente de economia que inclui os menos favorecidos e os que estão cansados das tentativas de ingressar no mercado de trabalho capitalista. A Economia Solidária expressa um novo modo de organização da produção, comercialização, finanças e consumo que privilegia a autogestão e a cooperação de empreendimentos coletivos. O presente estudo objetivou verificar ações e contribuições da Incubadora Universitária de Empreendimentos Econômicos Solidários do Centro de Educação e Saúde, Campus Cuité/PB, durante o processo de pré-incubação e uma parte da incubação da Economia Solidária para o grupo de Mulheres Artesãs do Sítio Bujari no Município de Cuité/PB. E de uma forma mais específica, buscou: a) Conhecer a forma de trabalho das artesãs, a confecção, as vendas, e fazer a relação com a Economia Solidária; b) Registrar atividades executadas pela INCOSOL/CES/UFCG durante a assessoria no período da pesquisa; c) Elencar perspectivas econômicas e sociais das Artesãs da Árvore do Tricô concernentes ao seu empreendimento. Conclui-se que, ocorreram várias ações e contribuições da INCOSOL/CES. Quanto a forma de trabalho, todas as artesãs trabalham, suas peças são fabricadas manualmente, e todas participam das vendas. Trata-se de um grupo autogestionário, unido, e solidário, exceto na compra de materiais e na divisão da sobra. Suas perspectivas econômicas e sociais foram de ampliação do empreendimento, de colocar mais lojas, buscar parcerias, e que ocorra o reconhecimento e valorização de seu trabalho. Sugere-se portanto, que para aumentar o empreendimento, seja necessário que entrem mais pessoas para fazer parte do grupo. Ou talvez que o grupo forme uma associação, ou uma cooperativa, para facilitar mais o acesso a algumas melhorias. Enfim, o essencial para todas as pessoas, e para os grupos informais é o seu empoderamento. Sendo que, para os grupos informais é irrelevante a persistência até que se consiga alcançar o momento da desincubação e da emancipação.

PALAVRAS-CHAVE: Economia Solidária, Incubadora Universitária, Assessoramento.

ABSTRACT

In recent years, there has been an important advance in initiatives concerning Solidarity Economy and socioeconomic measures to implement the active cooperation of small autonomous producers with their families in rural and urban areas. All with the purpose of offering them marketing, credit and service delivery opportunities related to production and consumption activities. Initiatives like this are significant and of great importance because they provide individuals with a new reality and a different mode of economy that includes the less favored and those who are tired of attempts to enter the capitalist labor market. The Solidarity Economy expresses a new way of organizing production, commercialization, finance and consumption that privileges the self-management and cooperation of collective undertakings. The present study aimed to verify the actions and contributions of the University Incubator of Solidarity Economic Developments of the Education and Health Center, Campus Cuité / PB, during the pre-incubation process and a part of the incubation of Solidarity Economy for the group of Artisan Women of the Site Bujari in the Municipality of Cuité / PB. And in a more specific way, it sought: a) To know the form of work of the artisans, the confection, the sales, and to make the relation with the Solidary Economy; B) Record activities carried out by INCOSOL / CES / UFCG during the period of the research; C) List economic and social perspectives of Knit Tree Artisans concerning their enterprise. It is concluded that there were several actions and contributions of INCOSOL / CES. As for the way of working all the artisans work, their parts are manufactured manually, and all participate in sales. It is a self-managed group, united, and supportive, except for the purchase of materials and the division of leftovers. Its economic and social perspectives were to expand the enterprise, to put more stores, to seek partnerships, and to recognize and value its work. It is suggested, therefore, that to increase the enterprise, it is necessary that more people enter to be part of the group. Or maybe the group will form an association, or a cooperative, to facilitate more access to some improvements. Ultimately, it is your empowerment that is essential for all people, and for informal groups. For informal groups, persistence is irrelevant until the moment of desincubation and emancipation is achieved.

KEYWORDS: Solidary Economy, University Incubator, Advising.

LISTA DE ABREVIATURAS

INCOSOL: Incubadora Universitária de Empreendimentos Econômicos Solidários

CES: Centro de Educação e Saúde

UFCG: Universidade Federal de Campina Grande

ECOSOL: Economia Solidária

SENAES: Secretaria Nacional de Economia Solidária

SENAES/MTE: Secretaria Nacional de Economia Solidária do Ministério do trabalho e Emprego

ONGs: Organizações não governamentais sem fins lucrativos

CNPJ: Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
2.1 ECONOMIA SOLIDÁRIA	10
2.2 INCUBADORAS UNIVERSITÁRIAS	15
2.2.1 Ações e Funções das Incubadoras Universitárias	15
2.2.2 Processo de Incubação	16
2.2.3 Artesanato, Economia Solidária e atuação das Incubadoras	19
3. METODOLOGIA	21
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	22
4.1 Perfil Socioeconômico	22
4.2 Descrição das Atividades Realizadas	22
4.3 Análise do questionário aplicado com as artesãs	24
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
6 REFERÊNCIAS	35
APÊNDICES	38
Apêndice 1 – Questionário	38
Apêndice 2 - Feira de Artesanato	40
Apêndice 3 - Loja INCOSOL/CES/UFCG	42
ANEXOS	44
Anexo 1 - Termo de Compromisso	44
Anexo 2 - Loja INCOSOL/CES/UFCG	45
Anexo 3 - Inauguração do Núcleo Sociocultural	46
Anexo 4 - Expedientes na Loja INCOSOL/CES/UFCG	48
Anexo 5 - Evento da Paixão de Cristo (2017) em Cuité/PB	50

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos vem ocorrendo um avanço importante nas iniciativas pertinentes a Economia Solidária, e medidas socioeconômicas para efetivar a cooperação ativa de pequenos produtores e autônomos com suas famílias nas zonas Rurais e Urbanas. Tudo com o intuito de oferecer-lhes oportunidades de comercialização, crédito e prestação de serviços referentes a atividades de produção e consumo (SENAES, 2012-2015). Iniciativas que são significativas e de grande importância porque proporcionam aos indivíduos uma nova realidade, um modo diferente de economia que inclui os menos favorecidos, os que estão cansados das tentativas de ingressar no mercado de trabalho capitalista.

A Economia Solidária expressa um novo modo de organização da produção, comercialização, finanças e consumo que privilegia a autogestão e a cooperação de empreendimentos coletivos (SENAES, 2012-2015), valoriza um modo de produção que prioriza o trabalho em grupo, trabalho em equipe, de poucos, ou vários integrantes, que é pautado principalmente na cooperação. Sua teoria representa uma mudança socioeconômica.

Enquanto composição baseada em três partes: uma crítica ao capitalismo, uma teoria de transição e uma utopia (VIEIRA, 2005). Essa utopia seria no sentido de possibilidades, que mesmo não tendo sido comprovadas são pautadas em processos de modificação social (SILVA e CUNHA, 2005). Modificação porque gera a emancipação de cada indivíduo. Nela a competição não existe, a solidariedade e a colaboração do grupo é primordial (SINGER).

No ano de 2003 foi criada a Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES), com políticas direcionadas ao apoio de bancos e fundos comunitários, incubadoras de cooperativas populares, ações de comercialização, etc. A SENAES tem o objetivo de promover a geração de renda e trabalho, bem como a inclusão social e econômica de milhões de brasileiros, e propõe a implementação de um modelo de política pública direcionada a ações de apoio aos empreendimentos solidários pelo enfoque territorializado (SENAES, 2012 – 2015).

Para que seja implantada a Economia Solidária dentro de alguns grupos formais e informais são realizados processos de apoio de Incubadoras de Empreendimentos Econômicos Solidários, que são implantadas dentro de algumas Universidades em todo o País. Essas incubadoras prestam uma assessoria a esses grupos concernentes a Economia Solidária e a criação de Empreendimentos Econômicos Solidários.

O Brasil a partir do ano de 2016 passou a enfrentar uma grande crise financeira, política e econômica, e continua enfrentando em 2017. São em períodos de crises como estes, que surgem atuações pertinentes a Economia Solidária, principalmente, por ser uma economia

direcionada a pessoas que enfrentam dificuldades de sobrevivência e de entrada no mercado de trabalho excludente capitalista. Mas, estas preocupações e atitudes para ajudarem a sociedade sempre existiram, não surgiram agora, no ano de 1970 também foram registradas iniciativas e movimentos para superação de crises provocadas pelo capitalismo. “Floresceu então, a partir de 1977 e até 84, uma série de iniciativas para salvar ou criar empregos, através de empresas autogeridas pelos próprios trabalhadores e isto com o apoio de alguns sindicatos progressistas” (LECHAT, 2002).

Atualmente, as Incubadoras Universitárias no Brasil, são alternativas para grupos laborais, formais ou informais, de pessoas desfavorecidas pela sociedade e pelo sistema capitalista, talvez seja, porque estas incubadoras são compostas por profissionais de diversas áreas, que são preparados e aptos para oferecer-lhes as capacitações e contribuições adequadas de acordo com as exigências e necessidades em particular de cada grupo. Enfatizando que, este tipo de contribuição não é para modificar ou manipular a forma de trabalho dos grupos, é apenas para auxiliá-los, e talvez, fornecer-lhes uma melhoria no desempenho e aprimoramento de suas confecções de acordo com às suas habilidades.

Com base nesse contexto, este estudo objetivou verificar ações e contribuições da Incubadora Universitária de Empreendimentos Econômicos Solidários do Centro de Educação e Saúde- Campus Cuité/PB, durante o processo de pré-incubação e uma parte da incubação da Economia Solidária para o grupo de Mulheres Artesãs do Sítio Bujarí no Município de Cuité/PB. De uma forma mais específica, buscou: a) Conhecer a forma de trabalho das artesãs, a confecção, as vendas, e fazer a relação com a Economia Solidária; b) Registrar atividades executadas pela Incubadora Universitária de Empreendimentos Econômicos Solidários INCOSOL/CES/UFCG durante a assessoria no período da pesquisa; c) Elencar perspectivas econômicas e sociais das Artesãs da Árvore do Tricô concernentes ao seu empreendimento.

É de suma importância que o meio acadêmico do CES ofereça projetos sociais para a população que existe fora dos muros da Universidade, porque tais projetos, transformam socialmente não somente a realidade dessas pessoas, mas também de todos os envolvidos. As Incubadoras Universitárias e seu apoio as comunidades tem sido uma prova eficaz de tais mudanças e transformações. Foi pensando nessa importância que achamos interessante e relevante deixar documentada e registrada a atuação inicial da INCOSOL/CES/UFCG com o grupo das Artesãs da Árvore do Tricô e parte do processo de sua incubação. Principalmente, porque a Incubadora INCOSOL/CES teve sua criação recentemente e está sendo iniciante nessa etapa.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 ECONOMIA SOLIDÁRIA

A Economia Solidária surge devido a desigualdade que é ocasionada na sociedade comandada pelo capitalismo, e pelas injustiças que ocorrem dentro das empresas capitalistas. Ela acontece através de iniciativas que visam a independência e a autonomia dos grupos. Os seus princípios estão pautados na solidariedade, sustentabilidade, mutualismo, cooperação, e na autogestão. Em torno dessa temática, existe um histórico de muita perseguição e luta da classe dos trabalhadores perante toda a trajetória, não somente no Brasil. No final do século XVIII, na Inglaterra, muitos operários haviam ficado desempregados, devido a troca deles por máquinas, diante das circunstâncias desfavoráveis, muitas cooperativas foram formadas. No século XIX, já existiam operários lá na Inglaterra também, que estavam insatisfeitos com a desigualdade, e criavam cooperativas. Porém, já existia desde aquele tempo uma reação da classe patronal que os extinguia em cada ação, colocando abaixo muitos de seus avanços democráticos (LECHAT, 2002). Mas, a classe operária quando unida, sempre foi forte, e sempre enfrentou suas batalhas. “A grande crise dos anos 1873-1895 leva à modernização e a investimentos pesados na agricultura e nos recursos naturais. (LECHAT, 2002). As cooperativas agrícolas e de poupança foram as soluções de sobrevivência encontradas pelos pequenos produtores.

A desigualdade esteve, e está sempre presente até os dias atuais. Talvez, seja um dos motivos pelos quais alguns trabalhadores se submetem a tantas injustiças, pois, “A vítima do desemprego se dispõe a aceitar quaisquer condições para obter algum tipo de remuneração para sentir-se digno [...]” (COELHO, 2007). Essa é uma realidade enfrentada por muitos trabalhadores de empresas capitalistas, nas quais exploram os funcionários, os obrigam a exercer em alguns casos a carga horária excedente ao horário que deve ser trabalhado, com trabalho pesado, sem a remuneração adequada, sem o reconhecimento e a valorização merecida. É a partir de alguns desses pressupostos que surgem as insatisfações, e alguns trabalhadores não suportam, ou não conseguem continuar se submetendo. Consequentemente, começam a procurar e enxergar uma saída, uma mudança de vida, uma oportunidade, e optam por outra forma de economia, a Economia Solidária (ECOSOL), que é mais igualitária, menos escravista, e que poderá modificar à sua dura realidade. Tudo para tentar sanar o quadro de pobreza que enfrentam, onde mesmo que sejam empregados, em alguns casos, permanecem em situações extremas de desigualdade social, sem direitos e acesso nenhuma das necessidades mais básicas que se pode ter. Em linhas gerais “sendo a classe trabalhadora o seu agente ativo e sofredor, ao

mesmo tempo explorado e oprimido, as lutas dos trabalhadores visam ao fim e ao cabo a inversão dessa situação ou, pelo menos, reduzir-lhes os efeitos” (FARIA, 2011). Para isto, buscam a ajuda uns dos outros, e se unem, por estarem enfrentando a mesma realidade. Formulam seus interesses, e se organizam para irem em busca deles. Uma das saídas que surgiram a partir de suas lutas foi a criação da cooperativa. Como discorre Singer, “A cooperativa de produção surge muitas vezes como defesa contra a ameaça da pobreza”. A pobreza nesse contexto, está remetida a pessoas que não tem emprego, e também a pessoas que tem, mas, mesmo assim são desfavorecidas, e vivem em extrema pobreza devido a desigualdade social proporcionada pelo capitalismo. Como trata Santos (2012, p.134):

É evidente, por exemplo, que a pobreza – muitas vezes tomada como expressão máxima da “questão social” – somente pode ser entendida quando considerada a partir da incapacidade de reprodução social autônoma dos sujeitos que, na sociedade capitalista remete, de modo central, à questão do desemprego. Sem esquecer, é claro, que também trabalhadores inseridos no mercado de trabalho, e, portanto, empregados (formal e/ou informalmente) não estão isentos dos processos de pauperização. É claro também, para continuar o exemplo, que a pauperização remete a outros indicadores sociais como acesso a saneamento básico, habitação, educação [...].

Na década 70, o desemprego cresceu por causa da Terceira Revolução Industrial, e duas décadas depois, em 1990, ocorreram muitas perdas trabalhistas, onde as condições de trabalho se tornou muito precária. Então, a partir das necessidades vivenciadas, o trabalhador começou a ser assalariado sem carteira assinada, e a trabalhar sendo contratado por empresas que os chamavam apenas por um tempo determinado. Do mesmo modo, também começou a trabalhar de forma autônoma, que conseqüentemente, por não ter carteira assinada, não havia a contribuição para a Previdência Social, ocasionando assim a perda da aposentadoria. Diante de tal realidade, renasceu o cooperativismo na Europa, na América Latina e no Brasil.

De sobremodo que, o ressurgimento do cooperativismo ocorre num cenário complexo, marcado pelo aprofundamento da crise do sistema capitalista, que iniciava-se nos anos 70, porém sendo intensificado na década de 90, época em que se vivencia o processo de precarização do trabalho e da universalização da informalidade. Que nos países periféricos, resultou na expansão dos salários marginalizados. “O ressurgimento das cooperativas representa “uma forma de evitar o abastecimento desse setor informal e precário com novos contingentes de trabalhadores, que aí seriam lançados pelo fechamento das fábricas” (FARIA, 2011).

De modo que, o cooperativismo e o associativismo surgiam a partir de empresas (fábricas) falidas, nas quais eram assumidas pelos trabalhadores como uma forma de superar a crise do sistema capitalista. Faria (2011, p. 64) menciona que, as reações desses trabalhadores contra o capitalismo sempre se projetaram a partir de suas lutas nos campos político e

econômico. E que a luta política lhes trouxe grandes vitórias, seja nas formas de suas ações democráticas que representavam, ou na liberdade que das associações, e que “[...] verificaram êxito algumas lutas pelas quais se bateram os trabalhadores no campo econômico, o que o demonstra a perseverança do sindicalismo e do cooperativismo” (FARIA, 2011).

Durante a década de noventa, em todas as regiões do Brasil, algumas fábricas falidas foram reabertas pelos trabalhadores (operários), ocasionando em experiências associativas e cooperativadas no campo da produção. Isso ocorreu por parte dos trabalhadores, como uma alternativa na luta contra o desemprego e preservação de seus empregos dentro delas (FARIA, 2011, p. 390). Todavia “[...] uma característica comum dessas primeiras experiências é a intensa luta coletiva e ativa levada a cabo pelos trabalhadores e pelos respectivos sindicatos, primeiro para garantir o pagamento dos salários [...]” (FARIA, 2011, p. 416). Como também, mantê-las funcionando. Outro tipo que surgiu é a cooperativa de produção que “[...] são empreendimentos de homens e mulheres desempregados ou pobres que se organizam para produzir, tendo em vista não só adquirir renda, mas, reintegrar-se a divisão social do trabalho em condições de competir com as empresas capitalistas” (MORAIS e SILVA, 2015). Percebe-se portanto que, o cooperativismo e o associativismo já surgiram pautados em alguns dos princípios da economia solidária. Na cooperação, na solidariedade, na democracia, e na sustentabilidade.

Algum tempo depois, no ano de 2003, no Brasil ocorreu a criação da Secretaria Nacional de Economia Solidária, que é totalmente direcionada para o apoio de incubadoras de cooperativas populares, de bancos e fundos monetários, ações de comercializações, etc. (SENAES, 2012-2015). Para assim, favorecer o desenvolvimento local, sustentável, e fornecer geração de renda e melhoria das condições de vida para as comunidades carentes.

No campo da Economia Solidária, crescem os Empreendimentos Econômicos Solidários, que são: “[...] organizações coletivas, supra-familiares, cujos participantes ou sócios(as) são trabalhadores(as) dos meios urbano e rural que exercem coletivamente a gestão das atividades” (SENAES, 2012-2015). Tais empreendimentos, objetivam uma melhoria na qualidade de vida das pessoas, já que a sociedade continua excludente e injusta, e ainda é fortemente influenciada pelo capitalismo.

Estas atuações solidárias destacam-se porque elas abrem oportunidades diversas e distintas de trabalhos dentro da sociedade. Onde cada representante de um grupo formal (associações, cooperativas, etc.), ou informal (grupo de agricultores, de artesãos, de recicladores, etc.) aprendem ativamente uns com os outros, e ao mesmo tempo, atuam cada um dando a sua contribuição individual de forma bem significativa. E que sempre estejam visando e almejando a melhoria de todos, já que trabalham em grupo e em busca de um mesmo

propósito. “Pode-se objetar que cada pessoa está sujeita a tal processo contínuo de aprendizado, desde que seja economicamente ativa, em qualquer um dos modos de produção” (GADOTTI, 2009). “Éticamente, trata-se de promover o bem-viver de cada um e de todos em conjunto, e politicamente, de promover transformações na sociedade com esse mesmo fim”. (SANTOS, 2012). Diferentemente da Economia Capitalista, a Economia Solidária prioriza a valorização do meio ambiente, respeita a cultura local, e respeita as lutas pela cidadania e pela igualdade (SANTOS, 2012).

Portanto, trata-se de uma prática mútua, que envolve a solidariedade e a igualdade de direitos nos empreendimentos, com a capacidade de oferecer produtos mais qualificados, de melhorar a renda dos sócios, e a preservação da natureza e seus recursos (GADOTTI, 2009). De acordo com Lechat (2002), “é factível nos empreendimentos autogestionários que o avanço das capacidades subjetivas tome o passo da renovação dos processos materiais de produção, forçando a que esses venham a reconstituir-se progressivamente sobre outras bases”. De modo que:

Vê-se que a amplitude do conceito de autogestão, ao requerer a participação ativa de indivíduos autônomos, supera o âmbito de uma unidade de produção e, ao mesmo tempo, tem aí o seu ponto de partida. A inversão pelos trabalhadores das contradições que atravessam suas práticas no processo de produção coloca de imediato o problema da transformação da sociedade instituída. Dito de outra maneira, entendemos que, situada no campo da autonomia, a aspiração autogestionária remete à autoinstitucionalização de uma nova realidade social. [...] a autogestão significa a capacidade demonstrada pelos trabalhadores de associarem-se e desenvolverem neste processo formas coletivas de gestão das suas lutas. Experimentam transformar a fragmentação, o isolamento e o individualismo, em novas relações sociais fundadas na solidariedade e união de classe. Essas novas relações eliminam a separação entre dirigentes e dirigidos, entre trabalho manual e intelectual. Quando as lutas deságuam na ocupação dos locais de trabalho, pode ter início a retomada da produção sob o controle e a gestão do processo de produção. (FARIA, 2011, p. 304, 305).

Na Economia Solidária o lucro (sobra) não é algo tão almejado e mais importante como na Economia Capitalista, em que trabalham almejando apenas o crescimento lucrativo da Empresa, e o lucro acaba ficando retido exclusivamente nas mãos dos proprietários. “A economia solidária casa o princípio da unidade entre posse e uso dos meios de produção e distribuição (da produção simples de mercadorias) com o princípio da socialização destes meios (do capitalismo) [...] (SINGER e SOUZA, 2000).

A Economia Solidária também é representada pela atuação de movimentos sociais, Igrejas, prefeituras e governos de esquerda, sindicatos, e ONGs que exercem à sua atuação em fóruns, feiras, redes, e várias outras iniciativas (LECHAT, 2002). Ela é o resultado de anos de lutas, não somente no Brasil, mas, em outros países também. Lechat (2002), diz que “O que hoje é denominado de economia solidária ficou por décadas imerso, e ainda o é em muitos

casos, no que a literatura científica chama de autogestão, cooperativismo, economia informal ou economia popular”. Ela é organizada por diversos agentes (Feiras de Economia Solidária, Grupos de trabalhos coletivos, Clube de troca, etc.), os quais contribuem para o fortalecimento de seus empreendimentos. Uma política organizada. É a economia de gestores, que representa um campo apropriado para o desenvolvimento de ONGs, de instituições e assessoria e fomento, cursos de extensão universitária, entre outros. Essas instituições de assessoria a partir da crise financeira e o desemprego no Brasil, elaboram projetos de geração emprego e renda com desempregados e populações menos favorecidas (carentes), organizam empreendimentos precários, propõem programas de capacitação direcionados ao empreendedorismo, etc. E, enquanto gestores, executam experiências a partir de projetos e metodologias para a apresentação às fontes de financiamento público e privado. (FARIA, 2011).

Para isto, “o crescimento da Economia Solidária efetivamente elimina o lucro como categoria de uma parte cada vez maior das atividades econômicas” (GADOTTI, 2009). Ela é uma economia diferente por exercer a autogestão. E, está fundamentada no princípio da divisão, da partilha dos meios de produção (NASCIMENTO, 2008). Nela cada trabalhador do grupo participa democraticamente das decisões do empreendimento e são autônomos para cada uma delas. Ou seja, cada trabalhador é responsável na gestão do empreendimento de forma participativa. Se o empreendimento cresce, todos ganham. Mas, se chegar a períodos de dificuldades financeira, todos enfrentam juntos e tentam reverter o quanto antes a situação de decadência. De acordo com Nascimento (2008), “A mesma é resultado de aspirações permanentes do homem em pró da liberdade e da livre criação, pelo domínio das leis objetivas da natureza e da sociedade, por uma vida melhor”. Diferentemente da Economia Capitalista, nessa forma de economia todos trabalham, mas, todos também ficam com o lucro, ou a sobra do trabalho exercido, que será dividido em partes iguais, já que exercem a autogestão. Geralmente, não se existem grandes lucros ou sobras, nesses tipos de Empreendimentos, mas, a importância cultural e as mudanças na qualidade de vida das pessoas sempre ocorrem de forma surpreendente. Como menciona Souza (2000, p. 7), “os empreendimentos solidários ainda têm pouco peso econômico, mas possuem grande significação cultural, afinal são experiências destacadamente educativas”. De acordo com Morais e Araújo (2015):

Essa economia desvincula a exploração aos outros, a forma de levar vantagem em tudo que faz, atribuindo valor ao trabalho como objeto de uma construção ideal para o aperfeiçoamento das atividades desempenhadas pelo homem como ser primeiro do setor econômico, distinguindo assim o que deve ser consumido por necessidade e não por puro prazer, pois o consumo ético, responsável e consciente ameniza o desgaste ambiental e distancia o prejuízo causado por consumidores sem controle.

Ao promover essa aproximação entre consumidores conscientes e a economia solidária, com uma prática justa de comércio podem ocorrer mudanças significativas

no processo do consumo, conscientizando as pessoas a não sentirem prazer em suas vidas, pelo simples fato de que possuem e consomem.

Quanto a matéria-prima fornecida por estes Empreendimentos Econômicos Solidários, são de uma excelente qualidade, sendo feita por pessoas comprometidas em fornecer uma confecção única, com diferencial, feita com cuidados especiais, sem pressa, sem a preocupação de cumprir metas, sem poluir ou explorar o meio ambiente de forma irresponsável, e sem concorrências acirradas no mercado de trabalho. O intuito dessa Economia, não será apenas o lucro, mas, uma valorização da vida e do meio ambiente. Como menciona Gadotti (2009). “Quem se engaja na Economia Solidária trabalha e ganha a vida e ao mesmo tempo luta por uma sociedade mais justa, mais ecológica etc.” Portanto, prioriza a valorização do indivíduo, e de suas práticas dentro do contexto social, e está intrinsecamente ligada a cultura popular. Como discorre Gadotti (2009): “A ligação umbilical da educação popular com a economia solidária se deve ao fato de que esta se apoia em novos valores que, aplicados a atividades econômicas, exigem a invenção de novas práticas...”, e tais práticas sempre estão direcionadas ao indivíduo como um ser social. Então, a atuação desses indivíduos como um ser social é exercida de forma responsável, de forma consciente quanto a exploração dos bens da natureza, e quanto aos que podem, ou não ser explorados, e também, aos que serão reaproveitados.

As cooperativas, os sindicatos e os grupos informais geralmente recebem a ajuda de algumas entidades. Podendo ser prestada através de várias ações. Nas Universidades encontram-se atuantes para o assessoramento dos grupos (formais ou informais) as Incubadoras de Empreendimentos Econômicos solidários.

2.2 INCUBADORAS UNIVERSITÁRIAS

2.2.1 Ações e Funções das Incubadoras Universitárias

O trabalho que as incubadoras universitárias desenvolvem é realizado a partir da conciliação entre o conhecimento popular e o conhecimento técnico científico (GOERK, 2009).

A incubadora é um espaço de formação contínua, onde as pessoas serão ajudadas, acompanhadas, capacitadas, e incubadas a longo prazo. Ela é responsável pelo fomento, ou apoio, prestado aos grupos que iniciam na ECOSOL. Para Goerk (2009), elas são “espaços de produção de conhecimento, ou seja, de pesquisa, ensino e extensão, em que os pesquisadores e demais profissionais técnico-administrativos desenvolvem estudos sobre as comunidades e

sujeitos incubados [...]”. As incubadoras universitárias atuam de forma diferente das incubadoras tecnológicas. Ainda Goerk (2009):

As universidades, por meio das incubadoras de Economia Popular Solidária, diferentemente das incubadoras tecnológicas – anteriormente existentes e direcionadas para a produção de tecnologias demandadas por uma parcela específica da população –, passam a desenvolver o trabalho de incubação tendo como perspectiva atender as demandas originadas pela questão social, e também os sujeitos que estão em situação de vulnerabilidade social. Esta realidade está relacionada com uma nova proposição do Estado e das universidades, que por meio do Programa de Economia Solidária em Desenvolvimento vinculado a Senaes, entre outras formas, buscam a atender esta demanda social.

Elas trabalham principalmente, fornecendo um apoio aos grupos de pessoas da sociedade, sejam eles formais (cooperativas...) ou informais (artesãos, agricultores...). Fazem isto através de diversas ações, as quais propiciam melhorias nos empreendimentos. Elas trazem, ou resgatam as pessoas da situação de desigualdade, do descaso, e traz de volta a inclusão socioeconômica, a dignidade e cidadania. Portanto, são:

Entidades de assessoria e/ou fomento são organizações que desenvolvem ações nas várias modalidades de apoio direto junto aos empreendimentos solidários, tais como: capacitação, assessoria, incubação, pesquisa, acompanhamento, fomento a crédito, assistência técnica e organizativa; Gestores públicos são aqueles que elaboram, executam, implementam e/ou coordenam políticas de economia solidária de prefeituras e governos estaduais. (BRASIL, 2008).

A principal finalidade da incubadora seria “[...] dar subsídio inicial as empresas que estão sendo inseridas em determinadas áreas de negócios” (MORAIS e SILVA, 2015). Para isto, “a incubação, se justifica pelas indicações de que o processo de incubação é um dos mais eficazes mecanismos de formação de empresas” (AZEVEDO et al, 2016).

Este subsídio será realizado a partir da assessoria. Que poderá ser feita com a colaboração de uma vasta quantidade de profissionais (assistente social, biólogo, economista, advogado, engenheiro, contador, administrador, designer, entre outros). Portanto, tais profissionais poderão auxiliar os empreendimentos na gestão financeira; nas ferramentas de divulgação; na viabilidade econômica; na capacidade produtiva; no processo de legalização, de formalização; a superar dificuldades de relacionamento e conflitos pessoais; a fortalecer o grupo; no desenvolvimento de seus produtos quanto a vários aspectos. (PAIVA, 2008-2011).

2.2.2 Processo de Incubação

A incubação trata-se de um processo, e divide-se em três fases: a pré-incubação, a incubação e a desincubação (UNITINS, 2009). Na Pré-incubação, é feita uma abordagem geral a procura de grupos e cooperativas que trabalham em uma mesma produção ou comercialização.

Dependendo do interesse e da reação dos trabalhadores, conseqüentemente serão realizadas reuniões, palestras e debates com propostas pertinentes a atuação na Economia Solidária.

Na primeira reunião com os grupos de trabalhadores formais, ou informais a equipe da Incubadora Universitária inicia seu trabalho pautado principalmente na interação entre todos os envolvidos no processo. Nas primeiras reuniões, costuma-se fazer dinâmicas de grupo, palestras sobre a convivência, a união, a cooperação. A atuação inicial é de suma importância para a equipe da Incubadora. Pois, é nela que é feita uma sondagem minuciosa a respeito de todo o contexto daquele grupo que está sendo assessorado. É nessa fase que costuma-se observar se o grupo já trabalha os princípios da Economia Solidária (a cooperação, a união, a igualdade, democracia e a autogestão) mesmo que de forma inconsciente.

Em contrapartida, é nessa fase também que a equipe é analisada e avaliada pelos grupos que pretendem assessorar, pois, poderão vir a ser rejeitados pelos grupos dependendo da maneira como se apresentem a eles. Portanto, trata-se de uma fase bem minuciosa, bem delicada, pois poderá ocorrer uma má avaliação de ambas as partes (equipe da incubadora, grupos assessorados). Principalmente a equipe da incubadora não poderá obter conclusões precipitadas ou errôneas referentes aos grupos, já que é formada por pessoas providas do conhecimento científico. Porque será a partir da assessoria deles que os trabalhadores poderão assumir coletivamente uma nova realidade.

Segundo Scholz (2014), na pré-incubação é feito “o estudo de viabilidade econômica do empreendimento, com estabelecimento de um plano de trabalho e com metas claramente estabelecidas em um processo dialógico instaurado entre equipe e empreendimentos”.

A partir da aceitação dos grupos que serão incubados, inicia-se a fase de Incubação ou Assessoria. É nesta etapa que as pessoas do grupo recebem Cursos de Capacitações com orientações técnicas para a atuação em seu Empreendimento. Segundo a SENAES (2012-2015), o processo de incubação “[...]compreende um conjunto de atividades sistemáticas de formação e assessoria que percorrem desde o surgimento do Empreendimento Econômico Solidário até sua consolidação [...]”.

Existem Projetos de Incubação de Empreendimentos Econômicos Solidários em várias Universidades Federais do país. As Universidades contribuem com a sociedade ofertando esta assessoria. A Incubação é referente a oferta de um suporte através de uma assessoria e acompanhamento prestado pelas Incubadoras Universitárias aos grupos de pessoas das comunidades que queiram a ajuda de forma coletiva para adentrarem em um empreendimento solidário, como também, fornecem capacitações aos grupos informais em suas respectivas áreas

de atuação para que todos sejam capazes de gerir seus empreendimentos, para que cresçam beneficiando assim de forma comum cada participante do grupo.

Essa assessoria técnica é um processo contínuo realizado de maneira articulada com a incubação dos empreendimentos, objetivando atender algumas especificidades nas dimensões econômica, social, jurídica, cultural, ambiental, contábil e política. (SENAES, 2002-2015). É durante essa fase que ocorre uma maior interação entre os envolvidos. A equipe das incubadoras passa a conviver e a conhecer os trabalhadores mais de perto. Ou seja, é muito importante para o processo a maneira como será feita essa conexão, enfatizando que não será fácil para as duas partes (incubados e incubadora) envolvidas, tendo em vista que serão iniciados todos os trabalhos pertinentes ao empreendimento solidário a partir do que se foi obtido na pré-incubação.

Essa etapa é iniciada a partir das sugestões, das informações, e do conhecimento que o grupo incubado fornece aos seus incubadores. Essas informações são de grande relevância para o andamento da incubação, e são referentes a vários aspectos: se trata-se de uma associação com firma registrada, ou uma cooperativa, se é um grupo informal; se tem fornecedores; se tem parcerias; onde compram seus produtos (diretamente das fábricas, fornecedores, no comércio); se foi feito um estudo de viabilidade econômica; se participam de feiras; se interagem com outros grupos, cooperativas ou associações; se já receberam capacitações; quanto aos grupos informais se pretendem se tornar uma firma registrada (formalizada) ou se pretendem formar uma associação (com estatuto social e CNPJ). A partir dos dados sobre estes aspectos obtidos as ações da incubadora serão realizadas.

Quanto ao tempo determinado para a realização da incubação, não é determinado, pois, dependendo de todos esses aspectos acima mencionados é que serão traçadas as ações para a assessoria. Porém, nunca será uma etapa rápida, sempre será uma etapa mais longa que a da pré-incubação. Mas, todas as decisões sobre a forma de assessoria que irão receber os grupos serão realizadas a partir da solicitação e escolha do próprio grupo (informal, cooperativa, associação). As capacitações sempre serão escolhidas por eles. Sendo que serão sempre direcionadas palestras, reuniões, e estudos pertinentes a Economia Solidária e seus princípios. Porque a intenção das Incubadoras Universitárias de Empreendimentos Econômicos Solidários é trabalhar com cada grupo de acordo com suas especificidades, e que eles obtenham êxito em seus empreendimentos.

Para isto, é percorrido um trajeto de lutas, de muita união, reuniões, debates, discórdias algumas vezes, contudo que a autogestão e a democracia prevaleçam, até que consigam chegar, ou alcançar a próxima fase, a desincubação.

A desincubação é a fase em que o grupo já tem a capacidade de caminhar sozinho. Já está emancipado, já está capacitado, e o empreendimento já está sendo sustentável. Portanto, o grupo que antes era assessorado pela incubadora nessa fase se desvincula dessa dependência, e continua gerindo seu empreendimento a partir de todos os conhecimentos que lhes foram fornecidos e de tudo que aprendeu.

2.3 Artesanato, Economia Solidária e atuação das Incubadoras

Geralmente as ações das Incubadoras Universitárias pertinentes ao artesanato são direcionadas a preservação da tradição da arte. Com o objetivo de gerar emprego e renda para os grupos que são assessorados, valorizando sempre a parte cultural e o fortalecimento de unidades produtivas direcionadas a Economia Solidária. De modo que toda essa estrutura seja sustentável, tendo em vista que as pessoas foram qualificadas para o mercado artesanal.

Para Sasaoka (2017), o artesanato “Compreende modos de fazer com as mãos, habilidades, técnicas de execução e conhecimento. É um ofício intrinsecamente ligado à dedicação de tempo e a um modo de fazer que se expressa no domínio do detalhe”.

Para a UNESCO (1997), produtos artesanais são:

[...] os produzidos por artesãos, totalmente à mão ou com a ajuda de ferramentas manuais, ou, ainda, com a utilização de meios mecânicos, desde que a contribuição manual direta do artesão seja o componente mais importante do produto acabado. São produzidos sem limitação de quantidade e utilizam matérias-primas procedentes de recursos sustentáveis. A natureza especial dos produtos artesanais se baseia em suas características distintivas, que podem ser utilitárias, estéticas, artísticas, criativas, vinculadas à cultura, decorativas, funcionais, tradicionais, simbólicas e significativas religiosa e socialmente.

Portanto, os produtos artesanais são especiais por serem diferentes, e as vezes até únicos, justamente por serem feitos a mão e de acordo com as habilidades do artesão. Como também é uma prática utilizada desde os homens primitivos, que construíam suas armas e utensílios manualmente.

Quanto a valorização, o consumo e o preço de produtos artesanais, é algo complexo, porque nem todos valorizam os produtos. Mas, não consomem por achar os preços altos e caros. Nesse contexto, se encaixa a Economia Solidária, ela valoriza de forma justa o trabalho artesanal, e trabalha através de suas incubadoras incentivando a população a consumir seus produtos e capacitando os artesãos para fornecerem as pessoas o preço justo por cada produto. Na Economia Solidária, o preço justo trata-se de um preço acessível para os consumidores, desde que, seja valorizada a mão-de-obra que foi gasta para fazer determinada mercadoria, de ser feito todo um estudo de viabilidade econômica sobre aquele produto (gastos com matérias,

energia, aluguel, tempo para ser fabricado, transporte, etc.), ou seja, ele é direcionado a remuneração justa do trabalho.

A prática do preço justo objetiva favorecer quem consome, quem fabrica e quem comercializa. Por exemplo, se os artesãos são de uma região de um poder aquisitivo pequeno, (a partir do estudo de viabilidade econômica feito anteriormente, onde já se escolheram os produtos para a fabricação que tenham custos menores) os produtos finais serão com um menor preço para se comercializar. Sendo que, a matéria-prima escolhida não poderá ser de má qualidade, já que trata-se de produtos bem feitos com a pretensão de uma boa durabilidade, e que visam a preservação da natureza.

3. METODOLOGIA

3.1 Natureza da Pesquisa

A pesquisa que investigamos de acordo com a natureza dos dados foi de caráter qualitativa. O tipo da pesquisa quanto aos objetivos foi uma pesquisa exploratória. Considerando-se seu objeto de estudo foi uma pesquisa de campo. De acordo com Prestes (2008): “a pesquisa de campo é aquela em que o pesquisador, através de questionário, entrevistas, protocolos verbais, observações, etc., coleta seus dados, investigando os pesquisados no seu meio.” Como a própria palavra campo já induz à sua compreensão, onde campo é algo atribuído a ação, algo inserido, algo que está envolvido.

3.2 Etapas da Pesquisa

A pesquisa foi realizada com cinco mulheres, que são reconhecidas como as Artesãs da Árvore do Tricô do Sítio Bujarí, no Município de Cuité/PB. Foi iniciada no dia 27 de Abril de 2016 e finalizada em Abril de 2017. Este Empreendimento foi escolhido pela autora da pesquisa por ser um grupo iniciante na atuação da Economia Solidária.

O desenvolvimento da metodologia foi dividido nos seguintes momentos:

1) Visitas ao grupo de Mulheres da Árvore do Tricô em suas residências, com o intuito de observar e verificar a interação entre elas e sua forma de trabalho;

2) Participação em uma Feira de Artesanato, para observar a atuação do grupo com o público, referente a forma de vender e oferecer seus produtos, seus preços, e a interação com outros artesãos;

3) Participação na Abertura da Loja INCOSOL na UFCG/CES, para registrar o evento, para observar e fazer parte de um momento primordial para o crescimento do Empreendimento das Artesãs;

4) Aplicação de questionários;

5) Observação do grupo.

Para facilitar a análise dos dados foram colocadas algumas letras do alfabeto (A, B, C, D, E) para representar cada uma delas. Quanto as respostas do perfil socioeconômico, foram obtidas a partir de dados fornecidos pela coordenadora da INCOSOL.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Perfil Socioeconômico

O grupo das cinco artesãs do Empreendimento Árvore do Tricô pertence ao Sítio Bujari em Cuité na Paraíba. Sendo que 04 delas residem na zona rural do Bujari em Cuité/PB e 01 reside na zona urbana do mesmo município.

Suas idades são diferenciadas. Correspondem a 27,29,30,37 e 58 anos.

A renda mensal das artesãs é divergente uma das outras. Porque não está relacionada apenas ao trabalho exercido por elas no Empreendimento da Árvore do Tricô. Mas, recebem outras rendas, de setores diferentes cada uma delas. Está entre os valores de: R\$ 170,00, R\$ 214,00, R\$ 360,00, R\$ 1.900,00.

Todas cursaram o Ensino Fundamental, e quatro delas cursaram o Ensino Médio; Suas principais fontes de informação são internet, televisão, rádio, grupos de pessoas que fazem parte da sua comunidade.

4.2 Descrição das Atividades Realizadas

Durante a pesquisa foram realizadas algumas atividades pela INCOSOL/CES direcionadas para o grupo das Artesãs da Árvore do Tricô, todas referentes a assessoria prestada, sendo iniciadas na pré-incubação, e conseqüentemente, na incubação. De tal modo, que serão relatadas mediante a observação realizada pela autora da pesquisa, e das respostas das artesãs.

Quadro 1. Atividades realizadas pela Equipe da INCOSOL com as Artesãs da Árvore do Tricô

ATIVIDADE	DESENVOLVIMENTO
Reuniões	<p>1ª reunião realizada pela INCOSOL, nela ocorreram as apresentações entre a equipe da INCOSOL e as Artesãs da Árvore do Tricô;</p> <p>Foram tratados assuntos sobre a Incubadora Universitária de Empreendimentos Econômicos Solidários, tais como que tipo de assessoria a Incubadora oferece aos grupos qual à sua forma de atuação em vários aspectos.</p>

	<p>Durante o processo de Incubação com o grupo dessas mulheres ocorreram várias reuniões realizadas pela equipe da INCOSOL.</p> <p>Foram estipulados em reuniões os dias e horários que a Loja INCOSOL ficaria aberta para o público.</p>
Aplicação do Questionário Social	Aplicado pela equipe da INCOSOL/UFCG
Feira de Artesanato durante o 8º Festival Universitário de Inverno (FUI) na UFCG/CES	<p>A feira foi realizada pela Equipe da INCOSOL/UFCG e outros colaboradores;</p> <p>Presença de vários Artesãos da Região do Curimataú;</p> <p>Durante o evento todos os artesãos tiveram a oportunidade de expor seus trabalhos e se socializar uns com os outros;</p> <p>Durante a feira as Artesãs da Árvore do Tricô receberam uma mesa de destaque para expor seus trabalhos para os visitantes.</p>
Divulgação	<p>Convite para a Inauguração da Loja INCOSOL entregue nos comércios da cidade e colocado nas redes sociais;</p> <p>Confecção de sacolas padronizadas da Loja INCOSOL;</p> <p>Convite para a Inauguração do Núcleo Sociocultural;</p> <p>Exposição dos trabalhos das Artesãs no dia da inauguração do Núcleo Sociocultural, na feira de artesanato, na Paixão de Cristo.</p>
Inauguração da Loja INCOSOL	No Centro de Convivência da UFCG/CES, é um espaço específico para as pessoas que trabalham com a Economia Solidária;

	As Artesãs da Árvore do Tricô começaram a expor seus trabalhos no local.
Inauguração do Núcleo Sociocultural anexo no Museu do Homem de Curimataú	No referente espaço, onde também começou a funcionar a Incubadora Universitária de Empreendimentos Econômicos Solidários do CES (INCOSOL); No local onde funciona a INCOSOL as mulheres da Árvore do Tricô receberam um espaço para expor seus trabalhos.

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

4.3 Análise do Questionário Aplicado

A primeira reunião, o primeiro contato com o grupo que será incubado e assessorado é muito importante, pois, é nela que ocorrem as apresentações entre os representantes das Incubadoras de Empreendimentos Econômicos Solidários e os componentes dos grupos. Geralmente, ocorre um momento de socialização, uma breve introdução sobre a Economia Solidária, sobre a Incubadora, sobre as suas funções, as capacitações que poderão ser oferecidas ao grupo de acordo com suas necessidades, e os objetivos que a Incubadora tem em trabalhar no momento que for fornecer a assessoria para o grupo. É nesse momento que o grupo que será incubado relata seus anseios, desejos, necessidades, expectativas e sonhos referentes ao seu empreendimento. Diante de tal pressuposto, surgiram as duas primeiras perguntas do nosso questionário. Na questão 1, perguntamos: **“Como foi que vocês tiveram o primeiro contato com a equipe da Incubadora Universitária de Empreendimentos Econômicos Solidários/INCOSOL de Cuité? a) Eles que entraram em contato com vocês; b) Vocês procuraram eles”**. As respostas encontram-se no Quadro 2.

Quadro 2. Respostas das Artesãs referentes a questão nº 1

Grupo de Artesãs (Representadas da letra A até a letra E maiúsculas)	Letra “a”	Letra “b”
A	X	

B	X	
C	X	
D	X	
E	X	
Total (cada X equivale a 1 ou 10%)	5 (100%)	0(0%)

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Nessa questão, 100% do grupo respondeu que a primeira reunião ocorreu porque a Incubadora de Empreendimentos Econômicos Solidários do Centro de Educação e Saúde/UFCG entrou em contato com o grupo. Isso apenas reforça a importância e responsabilidade que as Incubadoras tem em tomar a iniciativa e ir ao encontro dos grupos.

Na questão 2, perguntamos: **“Como foi o primeiro encontro com a Equipe da INCOSOL/CES/UFCG? O que foi tratado? Sobre o que falaram? Comente”**. As respostas encontram-se no Quadro 3.

Quadro 3. Respostas das Artesãs de acordo com a 2ª questão

Artesãs	Respostas
A	“No Museu. Falou sobre a Incubadora e projetos que tinha a oferecer. Perguntaram se a gente queria participar”.
B	“No Museu. Falou sempre da Incubadora e os projetos que a gente queria participar”.
C	“No Museu. Falou da Incubadora e os projetos que eles tinham para oferecer. Perguntaram se a gente queria participar”.
D	“Foi no Museu; falou sobre a Incubadora e sobre os projetos que eles tinham a oferecer a gente, e perguntaram se a gente queria participar”.
E	“Foi no Museu. Nos apresentamos a professora Cláudia, ela perguntou sobre nosso trabalho e como era o grupo”.

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

A escolha do local, do horário e dos representantes da Incubadora para a primeira reunião é de suma importância, pois, um primeiro contato com grupos a serem trabalhados requer alguns cuidados, e é bem delicado. Por tratar-se de pessoas desconhecidas, que ainda irão ser apresentados aos grupos, nem sempre é fácil conseguir êxito na primeira reunião.

O local escolhido para a primeira reunião foi adequado, por ser um ambiente acessível e propício para determinada atividade. A proposta da Incubadora de Empreendimentos Solidários é sempre clara e exposta nas primeiras reuniões. O grupo foi apresentado à proposta

da Incubação e sobre as ações das incubadoras universitárias. Foi também propiciada a oportunidade do grupo de apresentar seu trabalho e falar um pouco sobre as suas perspectivas quanto a atividade laboral que exerce. A partir dali então foi o momento inicial da aceitação do grupo para ser incubado. Iniciando-se então na primeira reunião, a fase da pré-incubação com as Artesãs da árvore do Tricô.

Durante o processo de incubação ocorrem capacitações com os grupos que estão sendo incubados. Estas capacitações, geralmente serão escolhidas de acordo com a necessidade do grupo, e a medida que forem surgindo as necessidades. Geralmente os grupos é que se interessam e as solicitam.

Quando abordadas sobre as capacitações que participaram, as artesãs citaram as primeiras formações acerca da atividade laboral, a citar, dois cursos de tricô dos quais participaram nos municípios de Nova Floresta(PB) e Cuité (PB), respectivamente.

No Artesanato a forma de produção é de suma importância, pois, exige eficácia na maneira de produzir, nos detalhes dos produtos, para que se possa oferecer um material diferenciado para os consumidores. É durante o momento da fabricação que as artesãs colocam as suas habilidades em prática. Quanto a produção fizemos a seguinte pergunta: **“O que vocês fabricam?”**

Quadro 4. Respostas das Artesãs referentes aos produtos que fabricam (questão 4)

Artesãs	Respostas
A	“Casaco, blusa, cachecol, coisas de bebê, etc.”
B	“Roupa de bebê, blusa, casaco, conjunto de cozinha, etc. “
C	“Casacos, blusas, sapatinhos, touca, cachecol, xuxas, luvas, tiaras, etc. “
D	“Casacos, blusas, biquinis, cachecol, toucas, roupas para bebê, conjunto de cozinha, bico em panos de prato...”
E	“O tricô (casaco, xale, touca e biquini, etc.) Crochê, vagonite, bordado.”

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

As artesãs fabricam uma variedade de produtos. Entre eles destaca-se o tricô, que é fabricado por todas elas. Algumas produzem o crochê, o vagonite, e o bordado. Trata-se de um grupo com grande potencial de crescimento em seu empreendimento, por fornecer variedade de produtos facilitam as vendas.

Em grupos de Economia solidária a forma da divisão de trabalho é completamente diferenciada da forma de trabalho do capitalismo. Por ser aplicada a autogestão em seus empreendimentos econômicos solidários. Todos trabalham, e todos executam as tarefas.

Ocasionalmente assim o êxito dos grupos. Nos interessamos em saber como as Artesãs da Árvore do Tricô dividem os seus trabalhos, se todas fabricam, quanto as vendas quem vende, quantas vendem e como são distribuídos os horários para serem feitas as peças. Vejamos as respostas:

Quadro 5. Respostas das Artesãs quanto a 5ª questão

Perguntas	Respostas das Artesãs					Resultados
	A	B	C	D	E	
“Todas fabricam?”	Sim	Sim	Sim	Sim	Não	4 responderam que sim. Apenas 1 respondeu que não.
“Como são divididas as tarefas?”	05 fazem tricô, 03 fazem crochê	05 fazem tricô, 03 fazem crochê	Todas fazem tricô, 03 fazem crochê	05 fazem tricô, 03 fazem crochê	2 fazem crochê, 02 fazem cachecol, 01 faz casacos	4 responderam da mesma forma (05 tricotam, 03 fazem crochê), apenas a Artesã “E” respondeu diferente das demais.
“Quanto as vendas: Quem vende? Quantas ficam fazendo essa parte?”	Todas fazem, todas vendem	Todas vendem, todas fazem	Todas vendem, todas fazem	Todas vendem, Todas fazem	Todas vendem	Todas responderam que todas fazem e vendem os produtos.
“Quanto a confecção, como são distribuídos os horários para serem feitas as peças?”	Quando dá tempo, mais a noite.	Quando dá certo	Sempre quando temos tempo	No horário que dá certo.	Na hora que está disponível	As cinco responderam que fazem as peças de acordo com o horário disponível.

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Trabalham a autogestão, à medida que trabalham mantendo a união do grupo, e com a divisão do trabalho de forma justa. Isto está de acordo com a afirmação de Neto (2013) ao dizer

que é a partir da autogestão que o homem passa a exercer a função de sujeito da sua própria história ao invés de mera engrenagem do sistema.

Todas fazem a confecção das peças manualmente, dado obtido mediante a observação do grupo. Apesar da artesã representada pela letra “E” ter respondido que não, talvez por não entender a pergunta. De modo que o grupo também trabalha a compreensão e o respeito mútuo, e não visa apenas o lucro financeiro. Isto baseia-se no que menciona Neto (2013), ao dizer que os produtos que são gerados assim são tidos como produtos culturais, frutos da dimensão manual do trabalho intelectual do homem. A medida que esse trabalho pode aparecer como um sentimento de bem-estar por ser exercido de forma voluntária e não como uma obrigação.

O material que se compra para fazer trabalhos manuais e o local onde fornecê-los é muito importante. Espera-se que já sejam escolhidos adequadamente no momento que se faz o Estudo de Viabilidade Econômica. A escolha deve ser feita de acordo com as vantagens que serão proporcionadas para os grupos, para os consumidores e para o meio ambiente. As vantagens para o grupo quanto as compras, seria de verificar os locais com melhor preço de revenda. Ressaltando que é mais lucrativo obter os materiais diretamente do fabricante, onde oferece melhor oferta de preços. Pois, quanto menor o custo, mais benefícios (econômicos), e a oportunidade da oferta do preço justo para os clientes.

Com o intuito de sabermos sobre a compra e obtenção de materiais perguntamos **“Onde vocês adquirem o material para trabalhar (lojas, fábricas...)? Em que cidades?”**

A maioria respondeu que adquirem os materiais nas lojas de Cuité/PB. Apenas uma delas mencionou outras cidades, Campina Grande/PB e Jaçanã/RN. Portanto, seus materiais são adquiridos no comércio de cidades do interior, ou seja, em locais onde os preços são mais altos, dificultando a diminuição nos preços de suas mercadorias, impedindo a utilização do preço justo e melhoria na sobra. Durante uma conversa informal foi questionada a divisão da sobra. Foi informado que todas compram os materiais separadamente e não trabalham a autogestão nesse fator, mesmo que emprestem umas às outras quando necessário. E a sobra também não é dividida entre todas, nem tampouco em partes iguais, ou equivalente ao trabalho executado por cada uma.

O trabalho da Incubadora de Empreendimentos Econômicos Solidários para grupos informais e formais é muito importante e produtivo. A medida que ela lhes fornece a assessoria o grupo vai sendo fortalecido, e vai sendo gerada a autonomia e a melhoria da qualidade de vida de seus componentes. Geralmente, esse tipo de trabalho não costuma ser rápido, quase em todos os casos, é um trabalho longo, talvez por isto, algumas vezes alguns os grupos querem desistir. Então, durante o processo da incubação os grupos poderão perder as expectativas e

ocorrer a desistência. Mas, os que continuam ficam cada vez mais fortalecidos firmes em seus objetivos. O grupo informal das Artesãs da Árvore do Tricô do Bujari encontra-se no processo de Incubação. Por isto, nos instigamos para fazermos a seguinte pergunta: **“Quanto a Incubadora, de que forma ela tem ajudado e colaborado com o trabalho de vocês?”**

Quadro 6. Respostas das Artesãs na 7ª questão

Artesãs	Respostas
A	“Bastante na divulgação”
B	“Dando apoio e divulgando”
C	“Dando apoio e divulgando nosso trabalho”
D	“Tem ajudado bastante, apoiando a gente e cedendo um ponto na Faculdade e nos convidando para expor nossos trabalhos em feiras, e divulgando”
E	“Tem ajudado fazendo reuniões com o grupo, nos cedeu a lojinha, o espaço no Museu para expor o nosso trabalho”

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Foi constatado que a incubação está acontecendo, que a incubadora está atuante, à medida que o grupo reconhece à sua ajuda e contribuição em vários aspectos. Na divulgação, no apoio, nas reuniões realizadas com o grupo, nos espaços cedidos pela UFCG/CES (Loja INCOSOL, anexo no Museu), e na exposição em Feiras. Portanto, a Incubadora INCOSOL/CES exerce sua presença, porém, sem criar dependência. Isto afirma Scholz (2014), “[...]com uma presença forte da incubadora, porém, dentro do princípio da subsidiariedade para não criar dependências”.

Na 8ª questão, perguntamos ao grupo **“O que mudou depois da ajuda da Incubadora?”** A maioria das mulheres do grupo respondeu que melhorou a divulgação, uma relatou que adquiriu mais experiência. Outra mencionou que a Incubadora ajudou o grupo a ficar mais unido, e que também começaram a conversar mais umas com as outras. Ficando claro que a assessoria está tendo eficácia e sendo bem executada para este grupo, cumprindo a sua função, pois, um dos princípios da Economia Solidária é a valorização do homem como um ser social.

A pergunta seguinte foi direcionada ao aumento da produção. Então perguntamos: **“Vocês estão produzindo mais peças depois da ajuda da Incubadora?”**

Todas as mulheres do grupo responderam que “sim”, que estavam sendo produzidas mais peças, respostas de êxito sobre a ação da Incubadora na assessoria para o grupo. Faltando ainda boa parte do trajeto até a desincubação. Considerando que a emancipação dos grupos não ocorre em pouco tempo.

Durante o processo de Incubação de Empreendimentos Solidários os grupos geralmente são acompanhados a cada etapa e conquista de seu empreendimento. Como já discurremos anteriormente, este grupo de artesãs teve a oportunidade de expor seus trabalhos em uma loja destinada a Economia Solidária na UFCG/CES. Diante daquele acontecimento nos sobreveio a curiosidade de sabermos o que havia melhorado para o grupo depois da loja, então questionamos se depois que elas estavam mostrando os trabalhos delas na Loja INCOSOL tinha melhorado alguma coisa, e se uma delas seria a divulgação. Como percebemos, já obtivemos essa resposta antes de chegarmos nessa questão, mas, a resposta das cinco mulheres foi que sim, ou seja 100% do grupo demonstrou satisfação quanto a divulgação de seu trabalho. Isto demonstra o quanto é importante o acompanhamento, e a orientação das Incubadoras para os grupos. Em seguida, questionamos se as vendas teriam melhorado, as cinco mulheres responderam que sim. Durante uma conversa informal elas relataram que se sentem satisfeitas com as vendas depois da lojinha, porque antes da lojinha as pessoas não tinham como conhecer as peças delas, talvez por isto não as compravam. Ainda na mesma questão perguntamos: E o lucro (a sobra) melhorou? As cinco artesãs responderam que sim. Deixamos um espaço disponível para que elas fizessem outros comentários sobre o que havia melhorado. Elas responderam:

Quadro 7. Respostas da Artesãs referente ao que melhorou depois da Loja INCOSOL

Quantidade de artesãs	Respostas obtidas
03	Adquiriram mais experiências e conhecimentos
01	A divulgação
01	Ficaram mais unidas

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Quanto ao fato de adquirir mais experiências e conhecimentos mencionados nas respostas, ocorre devido ao fato de estarem participando de uma realidade bem diferenciada da que elas estavam inseridas anteriormente. A divulgação, melhorou a partir da oportunidade de terem um local para a venda de seus produtos e exposição dos mesmos para o público. Quanto

a união maior do grupo, é uma das finalidades da Economia Solidária que está se concretizando com elas, isto ocorreu porque a loja é um local propício para uni-las, por ocorrer uma maior socialização e a busca de um mesmo ideal, ocasionando na união e na melhoria do grupo. Não apenas referente ao lado financeiro, mas, ao reconhecimento do trabalho. Portanto, estão inseridas em mais um dos princípios da economia solidária, que é a solidariedade, representada pela união do grupo. Eis um dos motivos pelos quais os grupos de economia solidária conseguem obter êxito em seus empreendimentos. Porque ninguém de um grupo de economia solidária caminha sozinho, sempre caminha em busca de interesses comuns, e objetivando o crescimento do grupo. Isto está de acordo com Fagali e Oliveira (2014) quando dizem que “Nesse processo de aprendizagem operativa em grupo, um dos objetivos importantes refere-se ao desenvolvimento do autoconhecimento e do conhecimento do outro, bem como da cultura em que as pessoas se veem mergulhadas [...]”.

Todos os homens têm sonhos e ideais. Todos têm perspectivas, objetivos, caminhos traçados, coisas que não foram conquistadas. Tratando-se de empreendimentos, é que aumentam esses fatores. Porque em um empreendimento de economia solidária, os integrantes sempre visam melhorias, e não somente quanto ao lado financeiro. Portanto, tivemos a curiosidade sobre os sonhos e as perspectivas delas, e perguntamos: **“Referente ao empreendimento de vocês, quais perspectivas e sonhos vocês tem para o futuro?”**

Quadro 8. Perspectivas e sonhos para o futuro

Artesãs	Respostas
A	“Mais vendas e mais conhecimento”
B	“Mais vendas e mais divulgação”
C	“Que o nosso grupo cresça para adquirir mais experiência”
D	“Que a gente consiga aumentar mais as divulgações e as vendas de nossos produtos”
E	“Vender mais e ser mais expandida a divulgação do nosso trabalho. Participar de exposições fora do Estado”

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Referente as melhorias, sempre sobrevém a dúvida se o desejo de que sejam aumentadas as vendas seria apenas interesse econômico, ou se seria um interesse em ver o crescimento do grupo e de seu reconhecimento. Por isto, foi questionado sobre os sonhos, porque a partir das respostas se saberia se realmente visam uma melhoria para todas, ou apenas aumentar a renda. As respostas foram sim, querem o aumento das vendas, porém, pensaram no crescimento do grupo, na experiência, e em participar de exposições. A partir disto, se percebeu que realmente elas pensavam em favor do grupo e no aumento das vendas. Porém, desejavam mais

conhecimento. Todas almejavam crescer, todas demonstraram ter sonhos e perspectivas voltadas para o crescimento do empreendimento, e reconhecimento de seu trabalho.

Sobre as perspectivas para o empreendimento foram feitas mais algumas perguntas, e obtivemos as seguintes respostas (Quadro 9):

Quadro 9 - Respostas das Artesãs

PERGUNTAS	SIM	NÃO
	Respostas (0 a 100%)	Respostas (0 a 100%)
Ampliar o Empreendimento	100%	0%
Aumentar o grupo, colocar mais pessoas	20%	80%
Colocar outras lojas	100%	0%
Buscar parcerias	100%	0%

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

De acordo com as respostas percebemos que todas responderam que tem perspectivas em ampliar o Empreendimento, em colocar outras lojas e em buscar parcerias.

Quanto a aumentar o grupo quatro das mulheres (80 %) respondeu que não, que querem que permaneça somente as cinco. Talvez, pelo fato de serem unidas, exista a dificuldade quanto a aceitação em mais pessoas adentrarem ao grupo. Sabe-se que para aumentar o número de lojas é necessária a ocorrência do aumento do grupo, talvez se fosse formada uma cooperativa, ou associação ficaria mais viável a execução das lojas.

Em seguida, perguntamos se desejam ser reconhecidas pelo seu trabalho? Como? E se já se sentem reconhecidas.

Quadro 10. Respostas das Artesãs referente a última questão.

Artesãs	Desejam ser reconhecidas pelo trabalho	De que maneira

A	SIM	“Que as pessoas valoriza mais o trabalho da gente”.
B	SIM	“Que as pessoas valorizassem mais o nosso trabalho”.
C	SIM	“Deveria valorizar mais nosso trabalho para que aumentasse nossas vendas”.
D	SIM	“Que as pessoas valorizassem mais o nosso trabalho, e que assim aumentasse as nossas vendas”.
E	SIM	“Gostaria que surgisse mais pessoas para abraçar a nossa causa”.

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Cada resposta nessa questão, revela o anseio pela necessidade da valorização do seu trabalho. Talvez isto ocorra devido a desigualdade do capitalismo. Sabe-se também, que o reconhecimento inerente a pessoas que produzem artesanato não é algo tão facilmente encontrado nas pessoas, e isto talvez seja devido à desvalorização da cultura em nosso país.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que foram destacadas várias contribuições e ações da INCOSOL/CES/UFCG. Contribuições para a divulgação (inauguração da Loja, inauguração do Núcleo Sociocultural, nos comércios da cidade, nas redes sociais), para a melhoria das vendas dos produtos fabricados pelas artesãs e para o grupo ficar mais unido e adquirir mais experiências. Várias ações foram executadas durante o período da pesquisa, que seriam as reuniões, abrir espaço para o grupo participar em alguns eventos (a Feira de Artesanato da UFCG/CES, a Paixão de Cristo, e da inauguração do Núcleo Sociocultural).

Quanto a forma de trabalho, todas as Artesãs trabalham, suas peças são fabricadas manualmente, todas vendem seus produtos, e todas são atuantes no empreendimento com a divisão de tarefas e horários. Fazendo a associação entre o grupo e a Economia Solidária, trata-se de um grupo que à exerce, por ser um grupo autogestionário, unido e solidário, que não visa apenas interesses próprios. Exceto quanto a sobra e a compra de materiais, porque os gastos e as sobras não são divididos entre todos. Suas perspectivas econômicas e sociais quanto ao seu empreendimento foram de ampliação, de colocar mais lojas, de buscar parcerias, e que ocorra o reconhecimento e valorização de seu trabalho.

Foram elencadas várias modificações quanto a realidade do grupo. De tal modo que, artesãs da Árvore do Tricô e seus trabalhos estão sendo conhecidos em vários lugares e situações. Isto não ocorria anteriormente por seu trabalho não ter valor, ou por serem preguiçosas, mas, pela desigualdade social e falta de oportunidades que muitos brasileiros enfrentam e sempre enfrentaram no sistema do capitalismo, que torna difícil o acesso e atuação no mercado de trabalho para as classes desfavorecidas.

Sugere-se portanto, que para aumentar o empreendimento, seja necessário que entrem mais pessoas para fazer parte do grupo. Ou talvez que o grupo forme uma associação, ou uma cooperativa, para facilitar mais o acesso a algumas melhorias. Dentre as melhorias também podem fazer algumas capacitações, conforme forem surgindo novas necessidades. Enfim, o essencial para grupos informais é o seu empoderamento e a persistência até conseguir alcançar o momento da desincubação e emancipação.

6 REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Ingrid Santos Cirio de; POZZOBON, Christian; CAMPOS, João Geraldo Cardoso; URRUTIA, Sofia Lorena; TEIXEIRA, Clarissa Stefani. **Análise das Incubadoras Universitárias do Brasil**. 2016. Disponível em: <http://www.anprotec.org.br/moc/anais/ID_139.pdf> - Acesso em: 05 de Abril de 2017.

BRASIL. **Economia Solidária (FBES)**.4ª Plenária do FBES, 2008. Disponível em: <<http://fbes.org.br/>> Acesso em: 07 de Fevereiro de 2017.

COELHO, Angela Maria. **Análise da Atuação da ITCP/FURB na Incubagem de Empreendimentos Solidários**. 2007. – Disponível em: < tcc.bu.ufsc.br/Economia_293501 > Acesso em: 28 de Abril de 2016.

CORNELIAN, Anderson Ricardo. **A Concepção de “Economia Solidária” em Paul Singer: descompassos, contradições e perspectivas**. Araraquara, 2006 - Disponível em: <portal.fdar.unesp.br/possa/teses/anderson_ricardo_cornelian.pdf.> Acesso em: 27 de Abril de 2016.

DAGNINO, R.A **tecnologia social e seus desafios**. In:Tecnologia Social:contribuições conceituais e metodológicas [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2014, pp. 19-34.ISBN 978-85-7879-327-2. Available from SciELO Books <http://books.scielo.org>

FAGALI, Eloisa Quadros; OLIVEIRA, Maristela Miranda Vieira de. **Os desafios da aprendizagem em projetos sociais: reflexões sobre incubadoras universitárias de empreendimentos solidários com enfoque multidisciplinar**. São Paulo, 2014. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542014000100003> Acesso em: 06 de Abril de 2017.

FARIA, Maurício Sardá de. **Autogestão, Cooperativa, Economia Solidária: avatares do trabalho e do capital**. 1.ed. Florianópolis: Em Debate, 2011.

GADOTTI, Moacir. **Economia solidária como práxis pedagógica / Moacir Gadotti**. - São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009. - (Educação popular) Bibliografia. ISBN: 978-85-61910-26-6

GOERK, Caroline. **Incubadoras Universitárias: sua contribuição aos empreendimentos de economia popular solidária**. 2009. Disponível em: <<http://www.rle.ucpel.tche.br/index.php/rsd/article/view/354/311>> - Acesso em: 05 de Abril de 2017.

LECHAT, Noëlle Marie Paule. **Economia solidária. As raízes históricas da economia solidária e seu Aparecimento no Brasil.** Volume 1. 2002. Page 2. Disponível em: <<http://www.uff.br/incubadoraecosol/docs/ecosolv1.pdf>> - Acesso em 15 de Fevereiro de 2017.

MORAIS, Crislene Rodrigues da Silva; SILVA, Rosalva Dias da. **Educação de Jovens e Adultos e Economia Solidária. Polo IV – Patos.** Fortaleza, CE: Editora RDS, 2015.

MORAIS, Crislene Rodrigues da Silva; ARAÚJO, Edinaura Almeida de. **Educação de Jovens e Adultos e Economia Solidária. Polo VII – Patos.** Fortaleza, CE: Editora RDS, 2015.

NASCIMENTO, Cláudio. **Autogestão: Economia Solidária e Utopia – Revista- Outra Economia - Volume II - Nº 3 - 2º semestre/ 2008 - ISSN 1851-4715 -** www.riless.org/outraeconomia.

NETO, José Francisco de Melo. **Educação Popular em Economia Solidária.** 2013 - UFPB – <meloneto@hs24.com.br> GT: Educação Popular/nº 06

PAIVA, Anderson. **Artesanato e Economia Solidária: a experiência do Cesol Bahia, 2008-2011.** <[file:///C:/Users/C%C3%A1tia/Downloads/MESA%206%20%20ANDERSON%20%20PAIVA%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/C%C3%A1tia/Downloads/MESA%206%20%20ANDERSON%20%20PAIVA%20(1).pdf)> - Acesso em: 11 de Abril de 2017.

PRESTES, Maria Luci de Mesquita. **A Pesquisa e a Construção do Conhecimento Científico: do planejamento aos textos, da escola à academia.** 3. ed. São Paulo: Rêspel, 2008.

SANTOS, Josiane Soares. **“Questão Social”: particularidades no Brasil.** 1.ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SANTOS, Jacqueline Macedo dos. **A Economia Solidária como Estratégia de Desenvolvimento Econômico e Social para Mulheres do Município de Ouro Preto.** Ouro Preto, 2012. Disponível em: <www.amde.ufop.br> - Acesso em: 28 de Abril de 2016.

SASAOKA, Silvia. **Relações entre Design, Moda e Artesanato na Contemporaneidade: estudos de caso no segmento de vestuário a rigor e acessórios de couro no eixo centro-oeste e noroeste no interior de São Paulo.** Bauru, 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/C%C3%A1tia/Downloads/sasaoka_s_me_bauru.pdf> - Acesso em: 14 de Abril de 2017.

SCHOLZ, Robinson Henrique. **Economia Solidária e Incubação: uma construção coletiva de saberes.** OIKOS, 2014. Disponível em: <http://www.unilasalle.edu.br/public/media/4/files/Economia%20solidaria%20e%20Incubacao-E-book.pdf> > Acesso em: 25/01/2017.

SENAES, **Política Nacional de Economia Solidária** SENAES/MTE, Vol. 1,3. Brasília, 2012-2015.

SINGER, Paul. **Economia Solidária Versus Economia Capitalista**. Disponível em: <www.scielo.br> – Acesso em: 27 de Abril de 2016.

SINGER, Paul; SOUZA, André Ricardo de (Org.). **A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego**. São Paulo: Contexto, 2000. (Economia).

SILVA, Marcia Alves Soares da; CUNHA, Luiz Alexandre Gonçalves. **Economia Solidária e o desafio de uma mudança cultural em Empreendimentos Econômicos Solidários (EES)**. Disponível:<http://www.conpes.ufscar.br/wpcontent/uploads/trabalhos/gt1/sessao1/silva_marcia_cunha_luiz.pdf>- Acesso em: 25 de Janeiro de 2017.

SOUZA, Marcelo Medeiros Coelho de. **A importância de se conhecer melhor as famílias para a elaboração de políticas sociais na América Latina**. Rio de Janeiro: IPEA, 2000. (texto para discussão, n. 699).

UNESCO. **Definição de produtos artesanais**. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE O ARTESANATO E O MERCADO INTERNACIONAL: COMÉRCIO E CODIFICAÇÃO ADUANEIRA, 1997. Manila. **Anais...** Manila: Unesco, 1997.

UNITINS, Fundação Universidade do Tocantins. **Processo de Incubação**. 2009 Disponível em: <<https://www.unitins.br/incubadora/Processos.aspx>> - Acesso em: 12 de Maio 2016.

VIEIRA, Fabiano Mourão. **Coerência e Aderência da Economia Solidária: Um Estudo de Caso dos Coletivos de Produção do MST em Mato Grosso do Sul**. São Paulo, 2005 - Disponível em: < www.fbes.org.br/index>. Acesso em 24 de Abril de 2016.

<<http://www.unisolbrasil.org.br/2015/wp-content/uploads/2011/08/cartilha-comercio-justo-solidario.pdf>>Acesso em: 15 de Abril de 2017.

Apêndice 1 – Questionário

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG

CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE – CES

Título da Pesquisa: Ações e contribuições da Incubadora de Empreendimentos Econômicos Solidários INCOSOL/CES/UFCG para o grupo de Artesãs da Árvore do Tricô em Cuité-PB. Orientadora: Dra. Cláudia Patrícia Fernandes dos Santos

Discente: Kátia Cimone de Oliveira Silva

Questionário

1. Como foi que vocês tiveram o primeiro contato com a equipe da Incubadora Universitária de Empreendimentos Econômicos Solidários (INCOSOL) de Cuité?
 - a) Eles entraram em contato com vocês ()
 - b) Vocês procuraram eles ()
2. Como foi o primeiro encontro com a Equipe da INCOSOL/CES/UFCG? O que foi tratado? Sobre o que falaram? Comente:
3. Vocês tiveram capacitações oferecidas pela Incubadora Universitária de Empreendimentos Econômicos Solidários de Cuité? Quantas?
() sim () Não
- Outras capacitações, Quais?
4. O que vocês fabricam?
5. Quanto a forma de trabalho de vocês:
 - a) Todas fabricam?
 - b) Como são divididas as tarefas?
 - c) Quanto as vendas: Quem vende? Quantas ficam fazendo essa parte?
 - d) Quanto a confecção, como são distribuídos os horários para serem feitas as peças?
6. Onde vocês adquirem o material para trabalhar (lojas, fábricas...)? Em que cidades?
7. Quanto a Incubadora, de que forma ela tem ajudado e colaborado com o trabalho de vocês?
8. O que mudou depois da ajuda da Incubadora?
9. Vocês estão produzindo mais peças depois da ajuda da Incubadora?
() sim () não
10. Depois que vocês estão mostrando os trabalhos de vocês na Loja da INCOSOL no CES/UFCG, melhorou:
 - a) A divulgação do trabalho de vocês?

sim não

b) As vendas?

sim não

c) O lucro (a sobra) de vocês?

sim não

- Pode fazer outros comentários sobre o que melhorou:

11. Referente ao Empreendimento de vocês, quais perspectivas e sonhos vocês tem para o futuro?

Comente:

a) Desejam aumentar (ampliar) o Empreendimento?

sim não

b) Aumentar o grupo, ou seja, colocar mais pessoas?

sim não

c) Colocar outras lojas?

sim não

d) Buscar ajuda financeira (parcerias)?

sim não

12. Desejam ser reconhecidas pelo trabalho de vocês? Como? Ou já se sentem reconhecidas, e isto é suficiente?

Apêndice 2 – Feira de Artesanato durante o evento do 8º Festival Universitário de Inverno (05/09/2016)

Fonte: Acervo Kátia Cimone (2016)



Figura 1: Diretor do CES(2016) Ramilton Marinho fazendo a abertura da Feira de Artesanato e dando início as apresentações.



Figura 2: Mesa da Equipe que está sendo incubada pela INCOSOL.



Figura 3: Mulheres Artesãs da Árvore do Tricô (Célia, Luciana, Joseilda, Sezoneide) e Kátia Cimone (pesquisadora).



Figura 4: Mesa das Artesãs da Árvore do Tricô com alguns de seus trabalhos na Feira de Artesanato no 8º (FUI).



Figura 5: Mesa das mulheres da Árvore do Tricô com outros trabalhos.



Figura 6: Mesa com mais trabalhos das mulheres da Árvore do Tricô.



Figura 7: Mesa com os trabalhos de de alguns dos Artesãos participantes da Feira.

Apêndice 3 - Loja INCOSOL/CES/UFCG

Fonte: Acervo Kátia Cimone (2016)



Figura 8: Solenidade da Inauguração da Loja INCOSOL no Centro de Convivência da UFCG/CES.



Figura 9: A professora Dra. Cláudia Patrícia Fernandes dos Santos juntamente com as Artesãs da Árvore do Tricô, inaugurando a Loja INCOSOL no Centro de Convivência da UFCG/CES.



Figura 10: Artesãs (Sezioneide, Louzane, Luciana, Joseilda), Kátia e a filha de Sezioneide.



Figura 11: Durante a inauguração da INCOSOL.



Figura 12: Visitantes durante a inauguração da Loja INCOSOL.



Figura 13: Trabalhos expostos na Loja INCOSOL.



Figura 14: Trabalho exposto na Loja INCOSOL/CES.



Figura 15: As artesãs na inauguração da Loja INCOSOL/CES.

Anexo 1 – Termo de Compromisso

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Meu nome é KÁTIA CIMONE DE OLIVEIRA SILVA, e gostaria de conversar com você sobre uma pesquisa que estamos fazendo pela UFCG. Esta pesquisa é sobre as Ações e Contribuições da Incubadora de Empreendimentos Econômicos Solidários do Centro de Educação e Saúde/UFCG para um grupo de Artesãs no Sítio Bujari – Cuité/PB. Um dos objetivos desta pesquisa é verificar as ações e as contribuições da Incubadora Universitária de Empreendimentos Econômicos Solidários do CES (Centro de Educação e Saúde) Campus Cuité/PB durante o processo de pré-incubação e uma parte da incubação da Economia Solidária. Caso concorde em participar da pesquisa, será realizada uma entrevista com você, onde serão aplicados questionários, iremos observar algumas ações de vocês referentes ao seu empreendimento, e a forma de trabalho quanto a produção e vendas durante o percorrer da pesquisa.

Este trabalho está sendo realizado pela Universidade Federal de Campina Grande, sob o título “Ações e Contribuições da Incubadora de Empreendimentos Econômicos Solidários INCOSOL/CES/UFCG para o Grupo de Artesãs da Árvore do Tricô em Cuité-PB”. Nossa finalidade única é obter informações sobre as práticas de Economia Solidária desenvolvidas pelas Artesãs da Árvore do Tricô, durante parte do processo da incubação, e, dessa forma, a sua participação implica em uma contribuição muito importante para nós.

Você não é obrigado(a) a participar da pesquisa, e se não participar isto não vai lhes trazer prejuízos. Você poderá desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, e por qualquer motivo. Os resultados deste trabalho deverão ser divulgados em revistas científicas, mas, precisamos do seu consentimento para postarmos fotos durante alguns momentos da pesquisa. Quanto aos questionários aplicados, iremos preservar a identidade de vocês, com a garantia de que, em nenhuma circunstância, as identidades serão identificadas.

Se todas as suas dúvidas foram esclarecidas, pedimos o seu consentimento para inclui-lo(a) como participante da pesquisa. Se tiver qualquer dúvida sobre o estudo, pode entrar em contato com a coordenadora da pesquisa Dra. Cláudia Patrícia Fernandes dos Santos.

Responsável pela Pesquisa

Kátia Cimone de Oliveira Silva

Orientadora da Pesquisa

Prof. Dra. Cláudia Patrícia Fernandes dos Santos

Universidade Federal de Campina Grande/ Centro de Educação e Saúde /Unidade Acadêmica de Educação - Tel: (83) 3372-1900

AUTORIZAÇÃO DE CONSENTIMENTO

Eu, _____, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e concordo em participar da pesquisa “Ações e Contribuições da Incubadora de Empreendimentos Econômicos Solidários INCOSOL/CES/UFCG para o grupo de Artesãs da Árvore do Tricô em Cuité-PB” e com a publicação dos resultados.

_____, _____ de _____ de _____.

Assinatura do entrevistador

Assinatura do(a) entrevistado(a)

Assinatura da testemunha

Anexo 2 - Loja INCOSOL/CES/UFMG



Figura 16: Retirada do grupo do WhatsApp – Árvore do Tricô (2016)
Convite da Inauguração da Loja INCOSOL.



Figura 17: Retirada do grupo do WhatsApp – Árvore do Tricô (2016)
Sacola confeccionada para a Loja INCOSOL/CES/UFMG.

Anexo 3 – Inauguração do Núcleo Sociocultural-anexo no Museu do Homem do Curimataú



Figura 18: Retirada do grupo do Facebook da UFCG/CES (2017) Inauguração do Núcleo Sociocultural.



Figura 19: Retirada do grupo do Facebook da UFCG/CES (2017) - Inauguração do Núcleo Sociocultural.



Figura 20: Retirada do grupo do Facebook da UFCG/CES (2017) - Inauguração do Núcleo Sociocultural - Mural da INCOSOL/CES/UFCG.



Figura 21: Retirada do grupo do Facebook da UFCG/CES (2017) - Inauguração do Núcleo Sociocultural.



Figura 22: Retirada do grupo do Facebook da UFCG/CES (2017) Inauguração do Núcleo Sociocultural. Mesa com os trabalhos das Artesãs da Árvore do Tricô.

Anexo 4 – Expedientes na Loja INCOSOL/CES/UFCG



Figura 23: Retirada do grupo do WhatsApp
Árvore do Tricô (2017) – Artesãs trabalhando na INCOSOL.



Figura 24: Retirada do grupo do WhatsApp
Árvore do Tricô (2017) – Artesã na INCOSOL.



Figura 25: Retirada do grupo do WhatsApp
Árvore do Tricô (2017) – Artesã na INCOSOL.



Figura 26: Retirada do grupo do WhatsApp
Árvore do Tricô (2017) – Artesã na INCOSOL.

Anexo 5 – Evento da Paixão de Cristo (2017) em Cuité/PB



Figura 27: Retirada do Facebook da Professora Dra. Cláudia Patrícia (2017) Barraca das Artesãs na Paixão de Cristo (2017).



Figura 28: Retirada do Facebook da Professora Dra. Cláudia Patrícia (2017) Artesãs na barraca durante o horário do evento.